

O dia da Purificação em Levítico 16

The Day of Purification in Leviticus 16

Resumo

O ritual do Dia da Purificação como descrito em Lv 16 é fruto de um longo processo histórico e redacional. Um rito pontual em busca de livramento de uma tragédia específica se desenvolveu para uma elaborada e suntuosa celebração anual. Conforme o testemunho que possuímos atualmente no texto bíblico, esse ritual pedia o mais alto grau de autoridade sacerdotal e de reverência no trato com os elementos sagrados. Mas ele também preserva resquícios de práticas mais antigas, dentre elas a de colocar sobre um animal inocente a culpa da impureza e do pecado de todos.

Palavras-chave: Pureza / Impureza; sacrifício; bode emissário

Abstract

The ritual of the Day of Purification as described in Lv16 is the result of a long historical and redactional process. A one-off rite seeking deliverance from a specific tragedy developed into an elaborate and sumptuous annual celebration. Accordingly, to the testimony we currently have in the biblical text, this ritual required the highest degree of priestly authority and reverence in dealing with sacred elements. But it also remnants of older practices, including placing the guilt of everyone's impurity and sin on an innocent animal.

Key words: Purity / Impurity; sacrifice; scapegoat.

*A culpa é minha, e eu a coloco em quem eu quiser.
(atribuída a Homer Simpson)*

Introdução

Em algum momento no início de sua história, o ser humano começou a se relacionar com o transcendente. Reconheceu a existência de Deus, Deuses e Deusas e buscou comunicar-se com ele ou eles em busca de proteção, sustento, saúde, empoderamento, salvação dos perigos e outras coisas. Essa mesma divindade que lhe fornecia cuidados, igualmente se apresentava como ameaça contra a qual as pessoas tinham pouca ou nenhuma defesa: doenças, intempéries, inimigos violentos, e outros perigos. Para manipular a divindade e alcançar

¹ Mestre e Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) e professor da Universidade Metropolitana de Santos (UNIMES).

seu o favor, o ser humano desenvolveu o serviço a Deus, o culto, no qual se inclui práticas que podem ser descritas como mágicas.

Determinadas práticas ou certos rituais mágicos podem ser percebidos em passagens bíblicas como na extração da morte na panela (2Re 4,38-41) ou a cura da cegueira com lama feita de cuspe (Jo 9,1-7). Práticas desse tipo ainda hoje persistem nas mais variadas expressões religiosas, mesmo nas que mais se apoiam no pensamento racional.

O relacionamento com a divindade pode sofrer uma ruptura causada por alguma condição ou comportamento humano, o que provoca uma reação negativa por parte de Deus, variando a sua intensidade conforme a gravidade da falha ou da condição inadequada humana. A fim de aplacar a ira divina, as pessoas desenvolveram rituais de purificação e/ou de perdão.

No Javismo não foi diferente. Há vários relatos bíblicos da ira de Yahweh se manifestando contra seres humanos impuros ou desobedientes. E o livro de Levítico (cp 4-8) possui instruções detalhadas acerca dos diversos tipos de sacrifícios a serem praticados a fim de alcançar o perdão de Yahweh ou a ablução das impurezas. Nos cp. 11-15 há a descrição de diversas condições causadoras de impureza e as ofertas que deveriam ser feitas a fim de promover a purificação.

Esses rituais, no entanto, estão relacionados a situações pontuais e específicas. São práticas que visam reagir a uma transgressão ou impureza praticada ou adquirida por uma pessoa em uma determinada circunstância.

Lv 16 representa um rito diferente. Ele é fruto de um longo desenvolvimento litúrgico e de profunda reflexão teológica por parte dos sacerdotes, talvez mesmo ao longo de séculos. Este capítulo descreve o ritual praticado em um dia específico do ano, o dia 10 do mês Tishrei, com o propósito de alcançar a purificação e o perdão do templo, dos sacerdotes e de todo o povo, não por uma condição ou pecado específico, mas por tudo que pudesse pôr em risco a relação entre Yahweh e Judá e entre todas as pessoas do povo.

O capítulo 16 na estrutura literária de Levítico

Não é propósito deste artigo tratar da história da composição de Lv 16, porém reconhecemos a existência de extratos literários presentes neste capítulo. Esses extratos denunciam um complexo processo de redação que envolve fontes sacerdotais tanto da chamada Torá Sacerdotal quanto do Código de Santidade². Uma análise detalhada da história da edição de Lv 16 pode se revelar infrutífera na identificação precisa das etapas de sua composição. Sugestões interessantes, entretanto, podem ser encontradas nos comentários de Noth (1965), Milgrom (1991), Gerstenberger (1996) e de Watts (2023).

² Para a discussão em torno das fontes sacerdotais, sua história e influência na composição do Levítico (e de todo o Pentateuco) veja os trabalhos de Knohl (1995), Zenger (2003) e Römer (2015), além das introduções aos comentários ao livro.

Algumas notas, porém, devem ser ressaltadas a fim de contextualizar o sentido do cp. 16 no conjunto do livro. O v.1 traz uma importante referência: “E falou Yahweh a Moisés após a morte dos dois filhos de Aarão...”. O episódio da morte dos filhos de Aarão ocorre no cp. 10 de Levítico. Como destaca Milgrom (p. 1011) isso indica que havia uma continuidade entre os cp. 10 e 16 e que os cp. 11-15 foram inseridos entre eles, interferindo nessa sequência. Esse mesmo autor sugere que o sentido dessa inserção esteja no fato de que os cp.11 -15 tratam dos casos de impureza que afetam o templo e dos quais o santuário deveria ser purificado pelo ritual descrito no cp. 16. Douglas acrescenta:

“Se a contaminação do tabernáculo não fosse remediada, o povo poderia esperar que as maldições do cp. 26 fossem desencadeadas sobre eles como punição por falhar na guarda da aliança” (Douglas, 1999, p.192).

No entanto, a regulamentação do Dia da Purificação não vem apenas após os casos de impureza dos cp. 11-15. Ela precede o Código de Santidade (Lv 1726). Este conjunto de prescrições estabelece condutas para a vida cotidiana do povo e se caracteriza pela expressão “Santos sereis, porque eu, Yahweh, vosso Deus, sou santo” (Lv 19,2) ou suas variantes. Portanto, o ritual do Dia de Purificação, cuja descrição está estrategicamente colocada entre esses dois conjuntos textuais, expurga as impurezas descritas em Lv 11-15 e prepara para a vida conforme indica Lv 17-26. A prática desse ritual purifica das impurezas e possibilita e prepara para a vida santa.

Um adendo que não é só um apêndice

Como já foi dito, não é nosso propósito nos aprofundarmos em questões da crítica literária ou da história da redação de Lv 16. Porém, um trecho importante precisa ser destacado.

Em Lv 16,1-28 são descritos os rituais de purificação praticados no templo. Já os vv. 29-34 trazem outras instruções. Esse acréscimo é bastante significativo por alguns motivos. O primeiro deles é que somente aqui é estabelecido que esse ritual deveria ser praticado anualmente em uma data específica.

O segundo e mais importante motivo para a relevância desse trecho é que somente aqui se impõe a participação popular na cerimônia do Dia da Purificação. Até então, o rito é descrito como uma prática sacerdotal, ou mais especificamente do sumo sacerdote e algumas outras poucas pessoas que o auxiliavam na condução dos animais, possivelmente também sacerdotes. Desse modo, esse trecho reúne prescrições em torno de dois atos rituais: um que envolve o sumo sacerdote e o pessoal a volta do templo, onde deve ser praticado, e outro performedo por todo o povo onde este estivesse, inclusive aos estrangeiros que habitassem em Judá.

E o terceiro, mas não menos importante, aqui também se estabelece qual seria a participação popular, através das duas ordens: do descanso obrigatório

e da aflição da alma. Quanto à primeira delas, é fácil perceber o que significa: o cessar do trabalho. Porém, quanto à segunda não sabemos se ela implica em alguma prática específica, como jejum por exemplo, ou apenas um estado emocional de contrição. É mais provável que algum tipo de rito ou penitência pessoal estivesse envolvido, mas não há certeza nem se havia e, se houvesse, qual era.

Esses versos são um acréscimo tardio, possivelmente oriundo dos editores do Código de Santidade (Knohl, p.27-28). Ele representa um importante nível de tradição que sintetiza um conjunto de interpretações acerca do rito do Dia da Purificação num período em que esta celebração já havia extrapolado o espaço do santuário e alcançado toda a comunidade yehudita.

O Dia da Purificação na história de Israel

A percepção de diferentes camadas de tradição nos leva a perguntar sobre quando e em que circunstâncias este ritual despontou em Judá.

Watts (2023, p.271-272) aponta para duas relevantes situações. Primeiro, embora haja muitas referências a rituais de purificação tanto no Antigo Testamento quanto em texto de todo o Antigo Oriente Próximo, o Dia da Purificação não é mencionado no Pentateuco fora das tradições sacerdotais. Um ponto importante é que esse dia de especial celebração não é mencionado nas relações das festividades anuais, como a Páscoa ou as Primícias. Em segundo lugar, somente no fim do capítulo (Lv 16,29 e 34) é que é especificado que esta solenidade deveria ser praticada anualmente, numa data específica, o décimo dia do sétimo mês do ano.

Essas duas situações permitem inferir que o Dia da Purificação foi uma cerimônia tardia que surgiu como um rito pontual, específico, e que, posteriormente, foi conquistando mais expressão na fé do povo de Judá durante o período do Segundo Templo até se fixar como celebração anual.

René Girard (2004) estudou as narrativas mitológicas e casos históricos que envolveram a atribuição de culpa e a perseguição a alguém (uma pessoa ou um grupo) a quem foi atribuída culpa hipotética por uma desgraça que atinge a comunidade. Nesse trabalho, ele afirma (p. 21) que esse tipo de perseguição ocorre mais constantemente em situações de crise nas quais as instituições se enfraquecem e grupos se formam espontaneamente para substituir as instituições ou exercer pressão sobre elas.

Se podemos entender Lv 16 sob a luz da proposta de Girard, teremos que o Dia da Purificação surgiu em um momento de profunda crise, um evento especialmente calamitoso (natural ou não), e que se ritualizou com o passar do tempo. Todavia, não temos como relacionar a origem desse ritual com qualquer evento histórico específico e conhecido.

O ritual

A liturgia específica do Dia da Purificação é composta pelas seguintes etapas:

Introdução

Antes das instruções propriamente ditas, nos vv.1-3 Deus fala a Moisés contextualizando o que virá a seguir.

A preparação

O v. 4 determina que o sumo sacerdote se banhasse e vestisse as peças do traje ocasional exclusivamente seu. E no v. 5 é indicado que ele deveria separar três animais para as cerimônias por Israel, dois bodes para purificação e um carneiro para holocausto.

Apresentação dos dois bodes

Nos vv. 7-10 está escrito que o sumo sacerdote deveria pegar os dois bodes e colocá-los à porta do santuário, apresentando-os a Yahweh. Ele colocaria sobre a cabeça dos bodes a respectiva sorte. As sortes eram colocadas sobre a cabeça dos bodes a fim de diferenciá-los, marcar o que seria sacrificado e o que seria enviado a Azazel.

A purificação do sumo sacerdote e de sua casa

Conforme os vv. 6.11-14, o sumo sacerdote, então, realizaria o ritual de purificação por si e pela sua casa. Esse ritual consistia do *hattâ't* no qual sacrificaria o novilho. Depois ele colocaria brasas do altar no incensário e duas mãos cheias de incenso e os levaria para o Santo dos Santos, entrando lá pela primeira vez. Lá colocaria o incenso sobre o fogo formando uma fumaça que cobrisse o propiciatório. Por fim, o sumo sacerdote aspergiria o sangue do novilho sobre o propiciatório.

A purificação do povo

A cerimônia pela purificação do povo (vv. 15-16a) consistia no sacrifício do bode e, novamente entrando no Lugar Santo, o sumo sacerdote traria seu sangue e procederia como com o sangue do novilho.

A purificação do santuário

A purificação do santuário (vv.16b-19) seria feita através da aspersão do sangue do novilho e do sangue do bode sobre o altar, especialmente sobre suas pontas.

O envio do bode a Azazel

Após terminar os ritos de purificação do sumo-sacerdote, do povo e do santuário, o bode vivo seria levado ao sumo-sacerdote que colocaria sobre a cabeça do animal suas duas mãos e confessaria todos os pecados de Israel. O bode seria conduzido ao deserto e lá solto vivo, vv. 20-22.

A conclusão do ritual

Ao final dos rituais, conforme os vv. 23-28 o sacerdote entraria pela terceira vez no Santo dos Santos e ali despiria suas vestes sacerdotais e faria mais uma ablução. Ao sair do lugar interno, faria o holocausto por si e pelo povo. Uma pessoa levaria os restos não queimados dos animais para fora do arraial e este e aquele que conduziu o bode ao deserto se banhariam em purificação.

Os elementos do rito

O tempo específico

É bem possível que o ritual do Dia da Purificação tenha surgido em um momento específico, como um ato pontual de resposta a alguma crise profunda. O corpo textual mais antigo de Lv 16, v.1-28, não traz nenhuma indicação nem de periodicidade e nem de uma data fixa para a sua prática, o que pode reforçar essa ideia.

No entanto, no acréscimo de Lv 16,29-34, são determinadas a frequência, uma vez por ano, e a data específica, o décimo dia do sétimo mês. Essa data, em meados do ano, afasta qualquer tentativa de aproximá-lo de uma hipotética festividade do ano novo. De fato, não sabemos a razão desta data. Porém, a periodização deste Dia da Purificação nos leva a pensar que ou a crise que gerou o rito pontual não cessou, ou muitas outras crises emergiram pedindo uma resposta semelhante.

O espaço sagrado

O livro de Levítico é uma retroprojeção do culto pós-exílico como se acontecido no deserto, durante a travessia dos israelitas em direção à terra prometida. Assim, a nação yehudita está simbolizada no arraial, assim como o templo e tudo que o envolve estão representados no santuário ambulante conforme nos textos sacerdotais.

Esse santuário representa o principal espaço envolvido no ritual de purificação. Suas divisões entre a área interna, chamada de Lugar Santo em Lv 16, 24 e de Santo dos Santos em outros textos, e a área externa, onde está o altar, são utilizadas para os diversos atos do ritual.

O arraial como um todo também está envolvido, visto que o povo em geral deveria praticar o jejum, cessar o trabalho e se humilhar. E o fato de que o bode emissário e os restos do holocausto são levados para fora do arraial demonstram que este espaço é incorporado ao simbolismo ritual.

E não se pode excluir o deserto como espaço, um espaço fora do espaço sagrado, lugar do caos, para onde devem ser enviados os pecados e impurezas que ameaçam a ordem do mundo e do templo.

Embora todo o arraial, em suma, esteja simbolicamente incorporado no rito, há uma espécie de graduação de santidade e, conseqüentemente de im-

portância entre os diversos espaços. O Lugar Santo é o mais sagrado, depois o espaço do santuário onde se encontra o altar e, por fim, todo o arraial.

O pessoal envolvido

Lv 16 indica todas as pessoas envolvidas e o papel de cada uma delas. O principal personagem desse ritual é, sem sombra de dúvida, o sumo sacerdote. Ele é o único a praticar os sacrifícios desse dia, a entrada no Santo dos Santos é um ato exclusivamente seu e se destaca até mesmo dos sacerdotes comuns pelo uso de vestimenta específica. Ele representa todo o povo diante de Deus e busca a purificação da nação e do seu santuário.

Duas outras pessoas participam dos rituais do Dia da Purificação, embora Lv 16 não apresente maiores especificações sobre elas: quem conduz o bode de Azazel para o deserto e ali o despacha, e quem conduz os restos dos sacrifícios para fora do arraial. O fato de ambos precisarem passar pelos banhos de ablução demonstra que eles estavam ritualmente envolvidos.

Também envolvido, estava todo o povo. Como indicado no adendo dos v. 29-31, toda a comunidade deveria se humilhar, fazer penitência e jejuar. Todo trabalho deveria cessar, igualmente. A comunidade estava toda ela envolvida porque a purificação era para todo o povo.

Como no quesito referente ao espaço, aqui da mesma forma se estabelece uma graduação de santidade. O sumo sacerdote como a pessoa mais santificada, depois os envolvidos com o bode expiatório e os restos do holocausto (seriam sacerdotes?) e, por fim, todo o povo.

Objetos e mobiliário

Um ritual tão complexo como este haveria de utilizar uma grande variedade de objetos. Dentre eles, há objetos usados para dar suporte a algumas práticas, como o incensário ou os objetos utilizados para designar dentre os bodes o que seria sacrificado e o que seria enviado a Azazel.

Outros são os objetos propriamente sagrados, instrumentos para a performance dos rituais, como o propiciatório e a arca, que eram os objetos considerados mais sagrados e que permaneciam dentro do Santo dos Santos. Somente na celebração do Dia da Purificação é que esses dois elementos eram utilizados, o que demonstram o alto grau de importância deste ritual. A Tenda da Congregação (ou o Templo), que os abrigava também era considerada santa, assim como o altar que se encontrava na sua entrada.

Há também os componentes usados para a prática dos rituais como a água, utilizada para banhar os envolvidos, especialmente o sumo sacerdote e o fogo, que também é constituído de especial condição (Lv 10,1-2)³.

³ Sobre a sacralidade do fogo nos escritos sacerdotais, veja: KISLEV, Itamar. The Cultic Fire in the Priestly Source. In: BARNEA, Gad & KRATZ, Reinhard G. *Yahwism under the Achaemenid Empire*. Berlin: De Gruyter, 2024, pp. 225-244.

Outro componente que não pode ser esquecido são as vestes sacerdotais, em particular aquelas trajadas pelo sumo sacerdote somente nesta liturgia. Haran (p. 171) destaca uma ligação entre os acessórios do templo e as vestes utilizadas pelo sumo sacerdote, especialmente o efod e o peitoral. Essa relação demonstra que as vestes eram consideradas como um dos elementos mobiliários do templo.

O Antigo Testamento utiliza três expressões para designar os trajes sacerdotais: as vestimentas para oficiarem no lugar santo; as vestimentas santas de Aarão, o sacerdote; e, as vestimentas de seus filhos para oficiarem como sacerdotes. As “vestimentas santas” são as usadas exclusivamente pelo sumo sacerdote em rituais mais importantes.

Os sacerdotes trajavam vestimentas especiais para os ofícios do templo. Essas vestes eram consideradas como parte do mobiliário e equipamentos do templo. Essas roupas eram compostas por oito peças, sendo quatro delas trajadas por todos os sacerdotes e quatro específicas para o sumo sacerdote. Comuns aos sacerdotes e sumo sacerdote eram a túnica, o cinto, a tiara e uma espécie de calção para cobrir a intimidade dos sacerdotes quando se inclinassem ou subissem escadas. Todos esses apetrechos eram feitos de linho. O cinto do sumo sacerdote que era feito de linho misturado com outros elementos que simbolizavam autoridade. A suprema autoridade sacerdotal portava outras quatro peças que se sobrepunham àquelas comuns aos demais sacerdotes: a mitra, o peitoral, o manto e o *efod*.

O efod é, provavelmente, o mais característico da indumentária do sumo sacerdote. Ele era uma espécie de avental que circundava o corpo, vestido pela cabeça e, provavelmente amarrado por trás do tronco. Era confeccionado em fios de linho, lã e ouro.

Os elementos do sacrifício

O ritual descrito em Lv 16 se utiliza de dois tipos de elementos para a prática do sacrifício: os animais e o incenso.

A preocupação com os sacrifícios que envolviam animais estava dentre as mais importantes da tradição sacerdotal. Isso é demonstrado por estarem prescritos nas primeiras e precisas instruções do primeiro capítulo de Levítico. Nesse trecho são apresentadas três alternativas de animais a serem sacrificados: o boi, o carneiro ou bode, e as aves. Embora isso não esteja explícito, provavelmente este último tipo de animal não contava com o mesmo prestígio para o sacrifício que os demais. Este fato explica por que no Dia da Purificação são apresentados apenas um novilho e dois bodes, sem aves.

Esses animais são apresentados a Deus em um sacrifício em hebraico denominado *hattâ't*, costumeiramente traduzido por “oferta pelo pecado”. Esta tradução, porém, revela-se muito inadequada (Milgrom, p.253), visto que há muitos outros contextos culturais nos quais *hattâ't* é praticado, sem que haja pecado envolvido. Morfologicamente, esse nome é derivado do piel que tem

o significado de limpar, expurgar, descontaminar. Seu sentido, então, não está ligado necessariamente a pecado, mas também à purificação.

De fato, o sacrifício designado por *hattâ'î* tinha duas funções diferentes. Milgrom (p. 256) destaca a distinção entre o uso para alcançar o perdão de pecados cometidos inadvertidamente e para o expurgo de impurezas. Neste último caso, além do sacrifício era necessária a prática de banhos purificantes. O inadvertido pecador precisa de perdão, o impuro precisa de purificação.

O rito de purificação só se torna efetivo com o uso do sangue derivado dos animais sacrificados. Não se pode esquecer a relação que a tradição sacerdotal estabelece entre sangue e vida (Lv 17,11 e 14). Outras culturas antigas, como a hitita, viam um poder de purificação e limpeza no sangue. Esse uso neste tipo de oferenda também tinha suas restrições: o sangue como elemento purificante só era utilizado no âmbito do templo e nunca sobre pessoas, só objetos. O sangue dos sacrifícios era aspergido sobre o altar e outros utensílios sagrados do templo, a fim de expurgar suas impurezas.

Além do sacrifício dos animais, outro elemento estava presente nesta liturgia: a fumaça produzida pelo incenso. A fumaça, ou nuvem, tem dois papéis importantes nas narrativas sacerdotais, como demonstrado no trecho abaixo: “Então, a nuvem cobriu a tenda da congregação, e a glória do Senhor encheu o tabernáculo. Moisés não podia entrar na tenda da congregação, porque a nuvem permanecia sobre ela, e a glória do Senhor enchia o tabernáculo. Quando a nuvem se levantava sobre o tabernáculo, os filhos de Israel caminhavam avante, em todas as suas jornadas; se a nuvem, porém, não se levantava, não caminhavam, até ao dia em que ela se levantava. De dia, a nuvem do Senhor repousava sobre o tabernáculo, e, de noite, havia fogo nela, à vista de toda a casa de Israel, em todas as suas jornadas.” (Ex 40,34-38)

O texto acima atribui duas funções especiais para a presença da nuvem. O primeiro deles é representar a presença da glória de Deus no tabernáculo. Essa presença era tão intensa que nem mesmo Moisés poderia entrar no tabernáculo enquanto a nuvem o cobria. A segunda função é a de fornecer a direção para que o povo caminhasse através do deserto. Assim, a nuvem era uma espécie de guia. Aí se combinam duas antigas tradições independentes. Porém, ambas se mostram relevantes para que o Sacerdotal as preservasse e as combinasse. A fumaça provocada pelo incenso e que envolvia o sumo sacerdote, revivia essas duas funções especiais na memória dos que estavam presentes na prática do ritual do Dia de Purificação.

Milgrom (p. 54) destaca que todos os sacerdotes estavam aptos para officiar os sacrifícios junto ao altar, porém somente ao sumo sacerdote era permitido performar o ritual da oferta de incenso. Ele explica esse privilégio pelo fato de ele ser praticado dentro do santuário, lugar onde somente o sumo sacerdote teria acesso. Porém, isso leva a outra constatação: o fato de ser performado so-

mente dentro do santuário demonstra um mais alto grau de santidade que revestia esse ritual do que os outros sacrifícios oficiados fora do espaço mais sagrado.

Outro bode estava envolvido no ritual, embora não fosse propriamente um sacrifício. A designação *hattâ't* se justifica pelo sentido de ser o que remove os pecados. Embora não fosse sacrificado, sua função não era menos importante.

Os dois bodes eram apresentados juntos a Yahweh e ambos designados como oferta de purificação.

Este bode seria enviado a Azazel. Há três principais significados atribuídos a este nome. O primeiro, seguindo a interpretação feita pela Septuaginta, é simplesmente bode emissário. Não seria um nome, mas uma descrição da sua função. A segunda é a de ser um lugar ermo e difícil, feita a partir das indicações geográficas do lugar para onde o bode é conduzido. A terceira seria a de um demônio, considerado em atividade ou exaurido de seus poderes. A ideia de se referir a uma entidade demoníaca a quem o bode seria enviado encontra resistência no fato de que esta seria a única vez em que a BH permitiria qualquer tipo de oferenda a outra divindade que não Yahweh. O fato é que nem a Bíblia explica quem ou o que é Azazel e nem há consenso sobre o seu significado⁴.

Porém, como destaca Milgrom (p.1021), nenhum papel ativo é atribuído a Azazel. Ele nem recebe o bode. Ele é apenas o lugar para onde os pecados e as impurezas são enviados a fim de ficarem fora do arraial, ou seja, fora do povo a fim de restabelecer a ordem.

Não sendo Azazel o centro do problema, o ritual de purificação deve ocupar a nossa atenção. Rituais de purificação e expurgo eram praticados desde tempos muito mais antigos. Principalmente quando alguém era apontado como a causa de alguma tragédia ou ameaça. Eles envolviam uma dessas três práticas: maldição, destruição ou banimento. Os banimentos tinham por finalidade enviar o pecado ou a impureza para onde os seus efeitos não mais ameaçassem a comunidade. Havia ritos de transferência da impureza ou da culpa para animais⁵. Todas essas formas de purificação tinham como objetivo expurgar as impurezas ou culpas e livrar a comunidade dos perigos que elas pudessem representar.

Assim, o envio do bode sobre cuja cabeça todos os pecados do povo foram confessados (Lv 16,21) para o deserto não tinha outro intuito que não fosse o de remover as ameaças que pudessem recair sobre Israel.

Levítico e a Teologia Sacerdotal

Iniciamos a aproximação ao sentido do ritual do Dia da Purificação reconhecendo um importante ponto para a sua explicação. Como qualquer outro ritual, o Dia da Purificação têm um lado a ser interpretado, mas outro lado a ser

⁴ Sobre as alternativas em torno da interpretação de Azazel, veja: MILGROM, Jacob. *Leviticus 1-16*, p. 1020-1021; e WATTS, James W. *Leviticus 11-20*, p.306-309.

⁵ Veja: Milgrom, *Leviticus 1-16*. p. 1071-1079

simplesmente praticado sem que necessariamente haja uma reflexão sobre ele. Assim, a busca nunca alcançará a totalidade de sentido de um ritual, seja ele qual for.

Na busca pelo sentido, ainda que parcial, de qualquer texto, uma importante chave para a leitura é a sua autoria. Não se atribui a nenhum ser humano a autoria ou instituição de um ritual qualquer. Como consequência, seu significado permanece aberto para que qualquer pessoa possa participar dele e lhe atribuir sentido. A alguns, como este em particular, a ordem e a liturgia para a sua prática é atribuída ao próprio Deus (Lv 16,1). Watts explica o motivo dessa atribuição: “Afirmar de autoria divina dos rituais são tentativas patentes de persuadir os leitores a praticar os ritos e, talvez, interpretá-los de uma forma em particular. Como tal, eles são em si mesmos indicações em si mesmos que a sua prática ou significado eram contestados. Conceder precedência a um autor (antigo ou moderno) ou autoridade ou tradição de interpretação é concordar aos pedidos de uma das partes em uma multilateral contestação da interpretação” (Watts, 2007, p. 32)

Assim temos que partir do pressuposto que esta interpretação do ritual do Dia da Purificação é uma entre muitas possíveis. Nossa leitura do ritual do Dia da Purificação é feita a partir do pressuposto que os rituais encontram sentido no conjunto simbólico em que ele está inserido. Assim, procuramos o sentido deste ritual no conjunto da Teologia Sacerdotal, conforme expressa em Levítico.

Um importante ponto de partida para o entendimento da Teologia Sacerdotal (tanto de P quanto de seus derivados) são as narrativas da criação. Por essas narrativas, Yahweh é o único criador de todo o universo, não há outro que seja deus igual a ele, não há demônios que promovam o mal aos homens e mulheres. Não havendo seres malignos, o único ser capaz de promover o mal ao ser humano é ele mesmo.

Na criação, Deus estabeleceu uma ordem e um propósito universais. Essa ordem e propósito podem ser expressos como o domínio universal de Yahweh em justiça e santidade. O universo é o lugar da soberania de Deus e, nesse lugar, acontece a história. Ela é o caminho pelo qual os desígnios divinos se formam e se concretizam na realidade humana. O sentido da história deriva da relação do ser humano com o cosmos.

O propósito de Yahweh, através da história, é a construção da justiça e santidade no mundo dos seres humanos. A justiça e santidade são a ordem estabelecida por Deus na criação englobam a realidade cósmica, social, moral e culta. Ela se identifica com a pureza e a impureza é a desordem. O elemento conceitual que expressa a ordem é a separação. A separação entre luz e trevas, entre água e terra seca, entre espécies de seres etc.

A ordem culta encontra reflexo no templo de Yahweh. O templo é o espaço físico que representa a ordem da criação e que tem a função de preservá-lo

neste mundo. Gorman apresenta uma intensa relação entre a ordem cósmica, o templo e os rituais sacrificiais nos escritos sacerdotais (p.45-52).

O universo está em contínua tensão entre a ordem estabelecida por Yahweh quando formou o cosmos e o caos, a desordem existente antes da ação divina. Tal ordem estabelecida na criação pode ser ameaçada pelo pecado e impureza humanos. Embora tanto um como outra sejam ameaçadoras ao ordenamento divino, há de se lembrar a importante distinção entre pecado e impureza. O pecado é alguma transgressão de ordem ética ou moral. Já impureza é algo que está fora de ordem, como bem demonstrou Mary Douglas (1976). Pecado é uma transgressão, impureza é uma desordem.

O templo pode ser contaminado de três modos: um indivíduo portador de uma impureza severa ou que cometeu um pecado polui o átrio do altar; um grave pecado cometido pelo sumo sacerdote ou por toda a comunidade; uma pessoa que cometeu um pecado sem que tenha se arrependido. A gravidade do pecado ou da impureza decorre do espaço que ela contamina. Quanto mais sagrado for o espaço, mais grave será a impureza ou o pecado. Deus pode até tolerar um grau leve de impureza, mas chega-se a um ponto em que não há volta, ele pode abandonar seu altar e deixar a sua morada.

Os pecados e impurezas humanas têm o poder de afastar Deus do templo e do mundo. Eles deixam a sua marca sobre o povo ao poluir o templo. Todos e cada um são responsáveis pela manutenção da pureza do santuário e da nação. A responsabilidade tem um lado coletivo, ensina a tradição sacerdotal. Para superar esse afastamento é preciso a prática de ritos de purificação e perdão, executados principalmente pelos sacerdotes.

Os rituais e liturgias sacerdotais existem para preservação e reestabelecimento da ordem disposta por Yahweh no mundo. O universo precisa ser continuamente recolocado em ordem, pois ele é desordenado através do pecado e da contaminação de impurezas. Não é um reordenamento, uma nova realidade instaurada, mas a volta à ordem previamente constituída na criação. Essa volta à antiga ordem se faz através do ritual de perdão e da purificação praticado no Dia da Purificação.

A condução do bode sobre cuja cabeça o sumo sacerdote confessou todos os pecados do povo para fora do arraial tem um significado particular. Ele não é oferecido em sacrifício nem a Yahweh e nem a qualquer outra divindade, do bem ou do mal. Trata-se de levar para fora do universo da comunidade o que pode contaminá-la e trazer desordem e transtornos. É restabelecer a ordem da criação e purificar o sacerdote, o povo e o templo a fim de que Yahweh permaneça habitando em seu meio e lhes provendo vida e segurança.

Conclusão

Em tempos em que as ameaças pairam sobre toda ou grande parte da sociedade, é comum que se imputem culpa a pessoas ou grupos a fim de alcançar o livramento. É preciso purificar para cessar o perigo.

Não sabemos quando e nem em que circunstâncias, mas em tempos remotos, Judá (e talvez também Israel) começaram a praticar ritos esporádicos que tinham por objetivo restaurar a ordem estabelecida por Deus na criação ante alguma ameaça pontual.

Esses rituais se desenvolveram, adquiriram formas fixas, significados e espaço no calendário litúrgico até se fixarem como uma elaborada cerimônia a ser praticada em uma data anual determinada e descrita em Lv 16. Traços dos antigos rituais, porém, podem ser identificados no texto.

Um personagem deste ritual, o bode emissário, não tem paralelo em outros rituais do templo. Mas, o conceito de alguém que carrega a culpa pela tragédia que recai sobre muitos aparece em outros contextos (p. ex.: Js 7, Jn 1). Aquele/a sobre quem se lança a culpa precisa ser isolado/a ou banido/a do grupo para cessar a ameaça. Não importa se ele/a é culpado/a. Importa que a culpa recaia sobre ele/a.

Esse conceito pode ser encontrado em muitas outras culturas, antigas e modernas. Permanece até hoje a busca por culpados, reais ou fictícios, pelas tragédias que nos abatem, culpados que são sempre os outros, os diferentes, os bodes expiatórios a serem enviados aos desertos.

Referências

- Douglas, M. (1976). Pureza e perigo. Perspectiva.
- Douglas, M. (1999). Leviticus as literature. Oxford University Press, Oxford.
- Gerstenberger, E. S. (1996). Leviticus: A commentary. Westminster John Knox, London.
- Girard, R. (2004). O bode expiatório. Paulus, São Paulo
- Gorman Jr., F. H. (1990). The ideology of ritual: Space, time and status in the Priestly theology. JSOT Press, Vancouver.
- Haran, M. (1995). Temples and temple-service in ancient Israel: An inquiry into biblical cult phenomena and the historical setting of the Priestly school (2nd reprint). Eisenbrauns, Winona Lake.
- Kislev, I. (2024). The cultic fire in the Priestly source. In G. Barnea & R. G. Kratz (Eds.), Yahwism under the Achaemenid Empire (pp. 225-244). De Gruyter. En: <https://uplopen.com/reader/chapters/pdf/10.1515/9783111018638-006>
- Knohl, I. (1995). The sanctuary of silence: The Priestly Torah and the Holiness School. Fortress, Winona Lake.

- Milgrom, J. (1991). Leviticus 1-16: A new translation with introduction and commentary. Doubleday, New York.
- Noth, M. (1965). Leviticus: A commentary. Westminster, Philadelphia, PA
- Römer, T., Macchi, J.-D., & Nihan, C. (Eds.). (2015). Antigo Testamento: História, escritura e teologia (2nd ed.). Loyola, São Paulo.
- Watts, J. W. (2007). Ritual and rhetoric in Leviticus: From sacrifice to scripture. Cambridge University Press, Cambridge.
- Watts, J. W. (2023). *Leviticus 11-20*. Peeters, Leuven.
- Zenger, E., et al. (2003). Introdução ao Antigo Testamento. Loyola, São Paulo.

Marcos Paulo Bailão